



VIII CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA

40 anos de democracias: progressos, contradições e prospetivas

ÁREA TEMÁTICA: Sociologia da Educação [ST]

UMA EXPERIÊNCIA POLÍTICO-SOCIAL PELA AMÉRICA LATINA: DISCUTINDO EDUCAÇÃO E DEMOCRACIA.

PRAÇA, Marina

Mestranda do Programa em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares

UFRRJ/Brasil

mpraca88@hotmail.com

SCOREL AROUCA, Luna

Mestranda, especialidade em Estudos Políticos

Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales (EHESS/França

lunarouca@gmail.com

Resumo

Uma viagem de 15 meses por 7 países da América Latina possibilitou a criação de um ciclo de palestras que apresentavam as “histórias e olhares” dessa vivência em espaços educativos diversos, desde à universidade até escolas e cursos preparatórios. O objetivo da viagem era conhecer os movimentos sociais e organizações que estavam lutando pelos seus direitos nas diversas regiões do continente. Consequentemente, as palestras, apresentavam os movimentos sociais que tínhamos conhecidos, além do contexto político em que eles estavam inseridos. Nesse sentido, o presente trabalho, aborda a ligação entre os temas de educação e democracia através de uma experiência pessoal de duas jovens, que decidiram viajar para conhecer as lutas sociais dos países do seu entorno e posteriormente, através de uma prática educativa, compartilharam esse conhecimento em espaços de reflexão e debate. O trabalho é assim dividido em quatro partes. A primeira na qual elaboramos algumas reflexões sobre os conceitos de educação e democracia. Na segunda, apresentamos a metodologia das apresentações e suas características. Na terceira parte, iniciamos a avaliação da experiência para na quarta parte apresentarmos uma breve conclusão sobre o potencial desse tipo de experiência educativa e sua relação intrínseca com um projeto de democracia.

Abstract

A 15 months in 7 Latin American countries allowed the creation of a series of lectures presenting "stories and views" of this experience in several educational environments, from schools to university's and preparatory courses. The purpose of the trip was to meet the social movements and organizations that were fighting for their rights in different regions of the continent. Consequently, these lectures presented the social movements that we had known, well as the political context in which they were entered. Accordingly, this work talks about the connection between the themes of education and democracy through a personal experience of two young people, who decided to travel to meet the social movements of the countries of their surroundings and later, through an educational practice, shared this knowledge in spaces of reflection and debate. This work is thus divided into four parts. In the first part we share some reflections of the concepts of education and democracy. In the second part, we present the methodology of the presentations and their features. In the third part we began the evaluation of this experience and in the fourth section we present a brief conclusion about the potential of this type of educational experience and its intrinsic relation with a democracy project.

Palavras-chave: Educação; Democracia,; América Latina; Construção do conhecimento; Movimentos Sociais

Keywords: Education; Democracy; Latin-America; Knowledge Construction; Social Movements

Introdução

Ao longo do ano de 2011 e parte de 2012 uma viagem pela América Latina tornou-se um espaço de construção de diversos conhecimentos. Uma grande sala de aula itinerante que proporcionou incalculáveis discussões, reflexões e conteúdos. O roteiro guia eram organizações e movimentos sociais e suas experiências de luta. Desde a Venezuela até o Uruguai a busca por movimentos, histórias e realidades, foi a propulsora do nosso caminhar. Os processos e formas de *fazer e ser* política dos indivíduos, coletivos e até das nações latino-americanas nos fizeram refletir sobre a democracia e como esta se materializa no nosso continente.

Em junho de 2012, voltamos ao Rio de Janeiro e trouxemos conosco a certeza de que todo esse conhecimento que tínhamos vivenciado precisava ser coletivo. Assim, resolvemos montar uma apresentação que combinasse as histórias vividas, o contexto político de cada país e a reflexão sobre o nosso papel enquanto cidadãos dentro do sistema político. Dessa forma, iniciamos um ciclo de palestras (ou ciclo de histórias) – que ocorreram em nove locais e situações distintas – nos quais percorremos universidades e espaços educativos apresentando nossa aula de América Latina por meio de histórias e olhares.

Neste trabalho, buscamos compartilhar como uma viagem e a forma de contá-la, a partir das narrativas, pode se caracterizar como uma rica e interessante prática educativa/ pedagógica. Como nos fala Delgado em diálogo com a obra de Grossi e Ferreira:

A história oral é uma metodologia primorosa voltada à produção de narrativas como fontes do conhecimento, mas principalmente do saber. Dessa forma, *“a razão narrativa desemboca no saber contar um fato real ou imaginário, despertando no ouvinte o desejo de significar experiências vividas, que não retornam mais”* (Grossi & Ferreira, 2001, p. 26 In Delgado, 2013, p.23).

Assim, dividiremos o trabalho em quatro segmentos. Primeiro apresentaremos algumas reflexões sobre o tema da educação e da democracia, em seguida, a experiência do ciclo de histórias e suas etapas. Em terceiro lugar, elaboraremos algumas análises dessa experiência a partir de fichas de avaliações preenchidas pelos participantes e finalmente, teceremos algumas considerações sobre educação e democracia por meio da experiência relatada.

1. Considerações sobre Educação e Democracia

1.1 A viagem e algumas reflexões sobre educação

O nascimento dessa experiência não continha em si um objetivo pré-definido e tampouco se pretendia uma pesquisa acadêmica. No entanto, a ideia de transformar a viagem em um ciclo de palestras surgiu da necessidade de refletir conjuntamente sobre o significado político do que tínhamos visto, seja com os movimentos sociais, seja sobre os governos de cada país. Nesse sentido, a experiência foi a base da nossa reflexão e criação. O desafio era apresentar um resumo do panorama político, de maneira que envolvesse aqueles que nos escutavam, e principalmente, de provocar a reflexão sobre a participação política.

Percebemos o potencial da narrativa e das histórias de vida como ferramentas que permitiam a criação de um ambiente de troca, e que possibilitavam que os sujeitos se implicassem no debate proposto. Como bem explica Lechner (2009, p.9): *“Independente do olhar disciplinar de onde se parte, as histórias de vida e relatos têm ainda o poder de emancipar. Desde logo porque levam a toma de consciência, depois porque ultrapassam a fronteira dos estereótipos e permitem aos sujeitos ressituar-se face à sua história e papéis sociais.”*

Quando entendemos a viagem como um processo formativo e gerador de conhecimentos, nos aproximamos de uma forma de pensar e fazer Educação, dialogando também, sobre o aprender/ensinar, o ser educando/educador em uma reflexão permanente. Aproximamos-nos assim, dos princípios e práticas da *educação freiriana*, na perspectiva em que reconhecemos a educação como um ato de coragem, de estar no e

com o mundo, e de construção de sujeitos autônomos e conscientes de seus contextos sociais (Freire, 1967 e 1987).

Neste sentido, o sair a viajar e se propor a vivenciar o continente latinoamericano, em suas belezas e injustiças, foi um “ato de coragem”. O contato com o mundo e a relação com o outro nos permitiu entender o contexto histórico-social da América Latina, refletir sobre ele e retomar essa vivência tornando-a uma experiência formativa. Ao compartilhá-la com outros indivíduos, trazendo o mundo para dentro das salas de aula, nos reconhecíamos também como sujeitos comprometidos com seu tempo.

A experiência apresentada se insere assim dentro do conceito de educação não formal, que como afirma Gonh (2006) se caracteriza como a educação que se aprende nos processos de compartilhamento de experiências, principalmente, em ações coletivas. Se diferenciando da educação formal, marcada pelos conteúdos escolares predeterminados, e também da educação informal, que é o produto da interação com o entorno (família, igreja, etc.) Assim, a educação não formal designa um processo com várias dimensões, entre as quais “*a aprendizagem de conteúdos que possibilitem aos indivíduos fazerem uma leitura do mundo do ponto de vista de compreensão do que se passa ao seu redor*” (Gonh, 2006, pp.27). Nesse sentido, o trabalho em questão foi uma dupla prática de educação não formal. Primeiramente, no período da viagem e, em um segundo momento, ao retornarmos a espaços educativos propondo uma experiência coletiva de reflexão. A viagem, remetendo ao que Gonh explica anteriormente, foi uma possibilidade de compreender e construir uma leitura de mundo através da relação com os movimentos sociais e de suas realidades. Por outro lado, as apresentações envolviam uma aprendizagem política coletiva.

Assim, quando propomos pensar em novas práticas educativas contando uma viagem dentro de espaços institucionais estamos buscando dialogar sobre a necessidade de experiências *instituintes* no campo da educação, ou seja, experiências que de dentro da educação, buscam a sua reinvenção a partir de novas práticas. Célia Linhares e Ana Lúcia Heckert (2009), se centrando sobre as experiências instituintes nas escolas, explicam que essas, se nutrem das utopias, sonhos e lutas, para ampliar a intensidade dos saberes. No caso aqui apresentado, as palestras passam pela escola, mas vão para outros espaços educativos, no entanto falam de um mesmo processo, de recriação da educação por dentro dela mesma.

O que pretendemos não é generalizar o que encontramos como 'novo' nas práticas escolares, mas ampliar o debate e horizontes de alternativas ético-pedagógicas, visibilizar novos percursos, marcar diferenças que potencializem políticas educacionais que expressem e radicalizem, no sentido pleno da expressão, a democracia. (Linhares e Heckert, 2009, pp. 8-9)

1.2. A viagem e algumas reflexões sobre Democracia e América Latina

Todas as etapas de construção deste trabalho apresentaram como objetivo a possibilidade de pensarmos a América Latina hoje, refletindo: sobre qual o significado dessa nomenclatura a partir de uma perspectiva social e política, ou seja, o que é a identidade latino-americana. Afinal, “*(...) a América Latina é uma construção cultural, histórica e política, não apenas uma construção geográfica.*” (JINKINGS, 2006, pp.34)

Alain Touraine, sociólogo francês, em seu livro “Palavra e Sangue: política e sociedade na América latina” escrito em 1988 já descrevia o interessante da região. Ele explica que ela combina a ideia de modernidade com o desejo do crescimento, a uma história marcada pelas revoluções (no México em 1910, no Bolívia em 1952, em Cuba em 1959 e na Nicarágua em 1979) e pela ideia de um nacionalismo, de luta contra a dominação estrangeira e de afirmação de uma identidade cultural. Ele escreve: “*Não é olhando este continente tão diverso e tão variável que se pode compreender melhor as relações que unem e opõe o crescimento econômico, o poder político e as ideologias culturais?*” (Touraine, 1988, pp.16). Nesse sentido, pudemos observar na viagem muitas expressões dos elementos que assinalada o sociólogo francês. Uma busca pela modernidade e ao mesmo tempo uma sociedade marcada pelos ideais comunistas, seja na existência da experiência cubana, seja nos partidos e nos movimentos sociais, que buscam uma transformação profunda na base da sociedade. No entanto, passado mais de 20 anos da publicação do seu livro, a região também se renovou, apresentando novas questões.

Durante o século XX, a história política da América latina é marcada por um processo de golpes e constituição de governos ditatoriais. Posteriormente a região passa por um processo de redemocratização

seguido pelo avanço e instauração da política neoliberal. Como resposta ao período anterior, no século XXI a América Latina se consolida com uma maioria de governos democráticos, e com uma “virada a esquerda”, marcada pela ascensão de partidos que sustentavam um programa voltado para o crescimento nacional, baseado em políticas sociais de redistribuição da riqueza. Esse processo se inicia com a chegada de Chaves ao poder na Venezuela ainda em 1998 e continua com as eleições de Lula no Brasil em 2002, de Evo Morales na Bolívia em 2005, Rafael Correa no Equador e Cristina Kirchner na Argentina em 2007, Fernando Lugo no Paraguai em 2008 e José Mujica no Uruguai em 2009. A entrada da esquerda no poder nesses diversos países é sem dúvida expressão da força dos movimentos sociais e das lutas dos povos originários na região.

A luta pela cidadania e pela democratização do Estado na América Latina está diretamente vinculada à ação dos movimentos sociais na região. Foi a partir da pressão dos operários, das populações tradicionais, dos camponeses, que a conquista cidadã foi se dando ao longo do tempo (Garcez, 2002). Exemplo maior são as lutas contra os regimes ditatoriais em toda a região. O contexto difundido de regimes autoritários militares faz surgir novos movimentos sociais e novas bandeiras, consolidando uma nova complexidade de conflito no campo político latino-americano (...) (Addor, 2012, pp. 100)

Esse foi o contexto político que imergimos durante a viagem. Ao longo dessa caminhada, fomos reconhecendo as particularidades de cada país e cultura, mas se sobressaltava a existência de um denominador comum, o debate sobre desenvolvimento. A América Latina, desde os tempos do descobrimento foi o símbolo da riqueza natural. A utilização desses recursos atualmente se complexifica a partir de um debate sobre o meio ambiente, mas é também marcada por um embate político que questiona os “governos de esquerda” em relação aos seus projetos para o país. Os movimentos sociais reivindicam seus direitos à terra, à água e à participação nas decisões. Os governos proclamam o uso do lucro da extração dos recursos naturais nas políticas sociais e redistributivas. Esse embate está vivo em todos os países que passamos, sendo expressivo da situação da democracia hoje nos países latino americanos.

Um exemplo é o projeto que vem sendo implantado desde 2000 na região, denominado IIRSA: Iniciativa para Integração da Infraestrutura Regional Sulamericana, pouco discutida e divulgada no Brasil. Esse projeto é uma articulação política e econômica entre os países do continente, que se materializa em planificação territorial e obras de infraestrutura, para suprir as demandas definidas pelo novo cenário geopolítico e econômico. No entanto, como nos fala Porto-Gonçalves (2012, pp.14), esse processo tem implicado violações dos direitos dos povos tradicionais e da legislação ambiental:

(...) esses processos de construção de infra-estrutura para a região têm sido marcados por uma lógica territorial que concebe grandes áreas do espaço geográfico sul-americano como sendo “vazios demográficos”. Essa concepção oculta o fato de que muitas dessas áreas não apenas são ricas em biodiversidade como também são ocupadas por uma grande diversidade de populações. Nesse sentido, tem sido dominante uma visão onde a natureza, com seus complexos biomas e domínios morfoclimáticos, é compreendida como simples obstáculo a ser superado pela engenharia e, ainda, onde povos e comunidades as mais diversas tem seus territórios e suas vidas concebidas como sendo prescindíveis. Não por acaso, a expropriação de muitas populações de suas terras, bem como a ocorrência de inúmeros conflitos territoriais, tem sido recorrente na execução dos empreendimentos de integração de infraestrutura regional ora em curso.

2. O relato da experiência do ciclo de palestras

As apresentações/aulas foram denominadas “*Uma viagem pela América Latina: compartilhando histórias e olhares – um roteiro guiado por organizações e movimentos sociais*”. O seu processo envolveu diversas etapas e ocorreu em um período de quatro meses, de abril a agosto de 2013.

Primeiramente organizamos os materiais, selecionamos fotos e músicas. Construimos também um roteiro que dividia por país o que seria mais importante relatar, separados em: realidade político-social de cada país; a situação presidencial e suas contradições; experiências de participação política; e uma ou mais história pessoais.

Fizemos nove apresentações, sendo duas em ambientes privados, cinco em diferentes cursos de três universidades, dentre eles, em uma formação do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária, outra em curso preparatório para entrada na universidade em uma favela do Complexo da Maré, e uma última em uma escola privada. As apresentações foram vistas aproximadamente por 350 pessoas. O público em sua maioria era composto de estudantes, mas variavam nas áreas de conhecimento dentro da universidade, em idade, em suas condições sociais e em seu engajamento com algum movimento social ou tipo de luta.

A apresentação ocorria em torno de uma hora e meia, da seguinte forma: exibíamos o vídeo que perpassavam todos os países e sua diversidade, em seguida apresentávamos a proposta da palestra (a viagem como forma de construção de conhecimento, o retorno a Universidade a partir de uma metodologia de histórias e narrativas), posteriormente líamos alguns textos literários e poéticos e então, começávamos o relato dos países. Através da história oral, revezávamos entre as duas palestrantes, impressões políticas, sociais e organizativas mesclada com histórias vividas.

Em seguida, optamos para melhor exemplificar a experiência, apresentar a transcrição de parte de uma das apresentações.

2.1. Transcrição da palestra - trecho sobre o Peru.

2.1.1 Do Equador cruzamos para o Peru

Pouco antes do dia de sairmos do Equador, participamos da atividade da Clínica Ambiental (em áreas afetadas pelas empresas petroleiras na região amazônica), faltavam 3 dias para o nosso visto acabar. Se fossemos para atividade, não conseguiríamos sair pela fronteira ao sul, que era a mais usual.

Chegamos na cidade da atividade (Lago Agrio) e descobrimos que teríamos que ir para outra cidade de barco para cruzar a fronteira pela Amazônia e de lá descer para Peru. Foi assim, fomos para uma cidade mais próxima de onde estávamos (Coca) pegamos um barco de 12 horas até a cidade fronteira (Novo Rocafuerte), uma lancha para Pantoja (cidade fronteiriça Peruana) e de lá continuaríamos até Iquitos em uma grande embarcação. Quando chegamos em Novo Rocafuerte, fomos nos informar como fazer, riram e falaram:

- Ihh, essa embarcação sai uma vez por mês. Sabe-se lá quando vai sair.

Nove dias depois pegamos o barco. Uma viagem que podia durar 12 horas durava 5 dias, porque era um barco de carga, gigante, que passava em cada povoado pegando mercadorias para vender e andava a 10km/h. No fim, a gente viajava com 50 toneladas de bananas, 40 porcos, 200 galinhas, bois, soldados do exército e indígenas de diversas populações ribeirinhas. Para a gente foi uma experiência dura, mas incomparável, muito mosquito, calor e cultura para ver. Foi uma forma de entendermos vivendo, o que iria ser o Peru, visualizar a força da figura indígena no país.

Fomos indo e quando chegamos ao nosso destino, Iquitos, depois de 5 dias, pensamos “beleza, daqui a gente pega um ônibus”. Mas descobrimos que Iquitos é a maior cidade do mundo em que não há saída por terra, uma cidade no meio da Amazônia. Para sair de lá teríamos que pegar mais um barco de 8 dias. Por sorte, conseguimos um vôo barato e pegamos um avião para Lima.

2.1.2 Conhecendo a luta campesina: um debate sobre desenvolvimento

Cruzamos para Lima, a maior cidade do Peru, uma cidade cinza, seca, desértica, quase não chove. E ali, começamos a entender a história contemporânea do país. Conhecemos um advogado popular e começamos a conversar que queríamos conhecer as organizações, a realidade social e etc. E ele nos falou:

- Se vocês querem conhecer mesmo o que tá acontecendo agora no Peru, precisam vir para o julgamento que vai ter em Huaraz em alguns dias - na chamada cordilheira branca, a parte nevada da cordilheira dos Andes - Estamos vivendo agora a situação da Lei Antiterrorista e há um grupo de camponeses que fechou uma estrada para que uma mineradora não continuasse o processo de

extrativismo numa área próxima de Huaraz, a empresa esta acabando com a água da região. Os que fecharam a estrada estão sendo agora julgados como terroristas. Só que são velhinhos, eram os chefes de família, de 70, 80, 90 anos que estavam ali na frente da estrada, enquanto os jovens estavam atrás como uma estratégia de segurança. Estão sendo julgados como terroristas e podem pegar até 30 anos de prisão.

Buscamos entender depois o que era essa lei antiterrorista e fomos compreendendo que na realidade é uma lei que está sendo criada progressivamente em quase todos os países da América do Sul, incentivada pelos Estados Unidos da América, como uma “nova” forma de criminalizar os movimentos sociais e os protestos. Começamos a pensar, por exemplo, no Brasil, o que seria o terrorismo?

Seguindo a rota das lutas e resistências, decidimos ir para esse julgamento. O julgamento foi interessantíssimo, desde o início pudemos perceber a opressão que os ambientes podem gerar. Assim, se inicia, com a fala do juiz: “(...) chamamos os réus.” Começaram a entrar os velhinhos, umas 20 pessoas. O advogado, que havia nos convidado para estar ali, começou a falar: “Senhor juiz você não pode aceitar que essas pessoas sejam terroristas, não tem condições, eles não conseguiram nem subir a escada direito, demoraram vinte minutos para isso. Eles não podem ser considerados terroristas, vão morrer na prisão.”

Logo após, presenciamos uma cena simbólica da incapacidade de aceitação das diferenças culturais, quando o juiz disse que antes de começar era necessário que todos tirassem seus chapéus, era proibido o uso de chapéu no tribunal. Um momento forte, porque para aqueles indígenas, camponeses o chapéu tinha uma importância ímpar, era uma forma de definição da identidade deles, cada povoado da região possuía um tipo de chapéu diferente. O advogado ainda tentou colocar essa questão e o juiz disse “isso não tem discussão, em meu tribunal, quero todo mundo sem chapéu”. Vimos o momento exato em que todos retiraram o chapéu.

Países como o Peru, Equador, onde os indígenas tem tanta expressão, há uma incompreensão dessa pluralidade e dessa riqueza. Se o chapéu é simbólico, identitário para um grupo, porque não se pode respeitar isso? Essa cena, na realidade serviu para ilustrar o que vimos na América Latina de formas diversas, essa experiência, pequenininha, demonstrava um pouco da imposição das forças institucionalizadas. O porque das discussões sobre os estados plurinacionais que vem sendo debatido e implantada na Bolívia, Equador e em parte, no Peru. O julgamento não foi finalizado aquele dia, ainda havia várias etapas a serem percorridas antes do juízo final.

2.1.3 A situação presidencial e suas contradições

Ficamos no Peru dois meses e meio e, quando chegamos, o Ollanta Humala havia acabado de ser eleito. A conjuntura era de grande apoio popular, um presidente com linhas políticas mais progressistas, depois de uma leva de presidentes corruptos e que possuía um apoio esperançoso das organizações e movimentos sociais, uma situação parecida com a eleição de Lula no Brasil.

Para ser eleito Humala focou em uma defesa profunda da natureza e dos recursos naturais, pois no Peru o que eles vivem cotidianamente é o forte impacto ambiental e social das grandes mineradoras. As mineradoras tem como principais consequências o uso abusivo e a poluição da água para extração do minério. O discurso do presidente era junto ao povo na defesa pela água. Dizia: “vim aqui para defender a água para todos, nossas lagoas e nosso subsolo”. Em seu primeiro pronunciamento pós-eleição, Ollanta muda de posição e diz: “Meu povo, se Deus criou a água e o ouro, porque ficaremos só com a água?”. Aquele pronunciamento foi o “divisor de águas”, já não iria preservar a água prioritariamente, a ação das mineradoras seguia com poucas diferenças do que já vinha ocorrendo.

Uma colombiana que assiste nosso relato fala: “Há também um detalhe fundamental, a filha de Fujimori (personagem marcante na história política do Peru, como ditador de um período recente) era a oposição de Ollanta, existia um pânico gigantesco do poder de Fujimori voltar, então a esquerda e todo contexto político fica contra Fujimori. Ollanta representa a figura salvadora contra a volta do Fujimorismo.”

Assim, quando chegamos lá, havia uma situação de insatisfação e resistência ao governo instaurada, a gente viu/ouviu sobre diversos levantes populares que estavam acontecendo, movimentações localizadas de grupos indígenas/camponeses pipocando por todo país, parando municípios inteiros. Em Cajamarca, ocorria a principal oposição a megamineradora, a expansão da empresa Yanacocha, com o projeto Conga. A questão era “simples”, a mineradora queria “tirar” uma lagoa da região. Ouve contestações e responderam: “Tudo bem, construímos uma lagoa artificial em outro local para vocês”. Não conseguiram compreender que para os moradores dali, aquela era uma lagoa sagrada. As fotos mais impactantes que vimos nessa época nos jornais eram dessa lagoa toda tomada por camponeses armados de enxadas e outras ferramentas, cercanda-a e dizendo que ali eles não iam mexer. Esse fato gerou um confronto intenso com o governo, que começava a mostrar sua cara. O conflito dura até os dias de hoje.

Esta crise governamental gera a saída do primeiro ministro, e a possibilidade de troca de todos os outros ministros. É o momento da virada conservadora do governo de Ollanta.

Além disso, Ollanta no processo de sua candidatura havia feito um acordo que iria regulamentar a Lei da OIT nº 169 (Organização Internacional do Trabalho) que institui a consulta aos povos tradicionais, sobre projetos com impactos ambientais e/ou sociais em suas regiões. Participamos em vários lugares de debates sobre a lei sobre como ia ser o processo de consulta aos povos.

O que a gente viu no Peru foi muita coisa acontecendo ao mesmo tempo, sem ter uma unidade centralizadora, alguém que desse a direção, que se relaciona com o debate que estamos vivendo aqui no Brasil, que diz “essa direção não me representa”. Os grandes partidos de esquerda que conhecemos em Lima não conseguiam representar tudo que estava acontecendo, mas ao mesmo tempo, os diversos levantes populares espalhados, cada um lutando pelo seu ambiente, por sua água, sua lagoa, traziam consigo um projeto de sociedade comum entre eles.

2.1.4 Experiências para pensar uma cultura de participação política

Um pouco do que tentávamos colher na viagem para trazer de volta para o Brasil eram vivências de participação popular e formação política. Pensávamos que os debates que estávamos vivenciando deviam continuar e que, experiências que tínhamos visto, precisavam ser compartilhadas. Achamos que duas delas valem a pena contar:

Uma foi o Coletivo “El Muro”, que conhecemos em Cuzco, que faziam uma exposição-debate na praça principal de Cuzco. Naquele local, eles faziam sua intervenção, por exemplo sobre o impacto na saúde dos moradores de áreas com megamineradoras. A partir dessa temática juntavam charges, textos, imprimiam imagens, dados, reportagens e enchiam o muro de informações. Ali víamos um processo de formação política diferenciado. Na verdade, eles disponibilizavam a informação e isso fazia com que as pessoas conversassem entre si, de maneira informal, comentando o muro.

Na outra experiência vem de Cajamarca (caso citado anteriormente), Ollanta colocou o estado sob vigia total, não podia acontecer reuniões ou encontros de pequenos grupos. Assim, a população, começou a buscar outras formas de expressar a resistência que eles vinham construindo e fomos acompanhando as pessoas colocarem placas nas portas de suas casas, nos comércios dizendo: “Conga no vá”. Mostrando que quando se é silenciado, oprimido, encontra-se outras formas de continuar falando. Fomos pensando em outras formas que a gente pode encontrar de resistir. Para finalizar, o que vimos no “Conga no vá” era o grito das pessoas cansadas do discurso que vem junto com os megaempreendimentos. Já não acreditam mais nos “ditos benefícios e mudanças positivas”. Haviam vários exemplos negativos de outros projetos presentes a décadas no Peru, por exemplo, perto de Cuzco na cidade de Espinar, vimos em uma pesquisa que dizia que 98% das crianças que cresceram no período da inserção da mineradora na região, tinham chumbo no sangue por conta da poluição da água.

Afinal, a questão que acompanha todos esses conflitos é o debate do neo-desenvolvimentismo: esses empreendimentos são necessários e benéficos para quem?

Consideramos importante trazer o relato transcrito no sentido de mostrar o tipo de narrativa que construíamos. Como exposto, explicávamos a situação política dos países a partir da nossa caminhada com os movimentos sociais, com os quais íamos descobrindo as lutas que se travavam, os debates entre sociedade civil e governo, ou seja, a política em seu sentido mais amplo. No entanto essas reflexões eram marcadas por uma narrativa pessoal, que incluía também uma busca, de duas jovens, sobre sua identidade política e cultural. Acreditamos que a mistura desses elementos, uma visão sócio-política e uma visão pessoal, foram cruciais no envolvimento do público com as apresentações, permitindo um processo educativo que implicava os “expectadores” no debate sobre a democracia e a participação política. A seguir, trazemos alguns relatos das pessoas que assistiram as apresentações, que como veremos, apontam esse envolvimento e mostram o impacto desse tipo de relato.

3. Percepções sobre as apresentações

Nesta parte do texto, mostraremos as percepções dos participantes com base nas fichas de avaliação (Anexo I) e nas opiniões que escutamos. Em geral, ficamos surpreendidas com o envolvimento das pessoas ao nosso relato. Apesar da diversidade de interação do público, sentíamos a entrega dos participantes às histórias e a curiosidade ao que estava sendo dito.

3.1 Avaliações advindas das fichas

Neste documento trabalhávamos com duas perguntas objetivas que não avaliaremos aqui, pois concernem apreciações muito amplas; e três perguntas discursivas que serão analisadas nesse momento:

3.1.1- O que você achou da apresentação?

Esta pergunta talvez tenha sido a que nos trouxe maior diversidade e quantidade de elementos para avaliarmos o impacto e o alcance de nossos objetivos. A seguir, destacamos dois exemplos de respostas mais gerais, que dialogam com vários de nossos objetivos. Em seguida, separamos as outras respostas, em três categorias, que remetem ao impacto da apresentação.

- “A apresentação agrega *novos olhares sociais e políticos*, que não teria tanta importância *sem a vida de vocês presentes nas histórias. Os ideais, questionamentos e afetos que as moveram*. Em um misto de surpresa, curiosidade e emoção, pude viajar com vocês e repensar principalmente como se dá a construção do conhecimento.”
- “Interessante, ágil, emocionante e que me fez rever conceitos, refletir sobre a forma comum e limitada de ver o mundo que tive até aqui. A universidade precisa disto: de vida, de movimento, de um brilho no olhar que há muito não via. Parabéns!”

Categoria 1: Sobre o conhecimento e a forma de construí-lo

- “Achei maravilhosa, me surpreendeu, além *de ser mais didática* do que outras palestras que já assisti – e ao mesmo tempo *tão simples, sensível...*”
- “Trouxe muita informações para nosso crescimento político e pelo menos em mim a vontade de viajar com um sentido político para entender outras culturas sociais e política”

Categoria 2: Sobre América Latina e identidade latinoamericana

- “Através dessa apresentação consegui compreender melhor as condições sócio-políticas dos nossos países vizinhos, pois não aprendemos sobre a América Latina na escola e apenas alguns cursos de graduação, infelizmente.”
- “Pela segunda vez, emocionante demais! Um aprendizado que mudou minha ligação, minha perspectivas em relação à América Latina.”

Categoria 3: Sobre a experiência, as histórias e a capacidade de sensibilização

- “Muito motivador, emocionante. Diria Libertário, pois mostra que é possível romper as amarras que nos prendem a uma visão monolítica do mundo.”
- “Insuportavelmente desassossegante (Sem sentido pejorativo). O primeiro termo é uma criação do meu orientador para designar algo magistralmente brilhante e desassossegante provém do termo “desassossego” utilizado por Fernando Pessoa. O utilizei porque a apresentação faz-nos questionar a nossa América e o que realmente somos.”

3.1.2- O que você mudaria nas apresentações?

O elemento mais recorrente a essa questão foi a necessidade de mais imagens ilustrativas do vivido durante as falas (só apresentamos algumas no vídeo inicial). Além disso, foi assinalado a proposta de ter depoimentos/vídeos dos indivíduos/locais relatados. Em menor frequência apareceram propostas de slides com os dados dos países, análises mais profundas e necessidade de falas sobre a motivação da ida. Por fim, foi consenso, da falta de tempo para as histórias e o diálogo final. Destacamos abaixo algumas respostas na íntegra que acreditamos que tragam consigo um pouco da essência da proposta:

- “Não mudaria nada. Ao mesmo tempo que emocionante, a atividade abriu um leque de reflexões acerca dos movimentos sociais, das formas de olhar. Achei que seria algo monótono, mas ao contrário: a narrativa foi além do que esperava encontrar.”
- “Contar um pouco como vocês viabilizaram a viagem. E a história de vocês um pouco antes da viagem. O que levou vocês a irem em busca de toda essa vivência, o que inspirou, etc. Porque a escolha desses países.”

3.1.3- O que te faria realizar uma busca dessas? Por onde seria?

Com essa última pergunta queríamos fazer cada um sonhar e pensar em suas buscas. Considerávamos que isso poderia ser feito dando um passo para fora de sua casa com um olhar diferente, percebendo como suas ações do dia-a-dia também são formas de conhecimento.

- “*Desaprender o meu mundo.* Sempre tive vontade de começar pela Itália, mas já não sei.”
- “*Esse desejo de encontrar dentro de si a identidade latino-americana que muitas vezes no brasileiro esta escondida ou apagada.* Adoraria conhecer a América Latina inteira. *Deveria ser um direito de todo cidadão.*”

4. Considerações finais

A proposta deste trabalho foi mostrar os caminhos que percorremos para transformar uma viagem em um espaço educativo e, também, pensar a sociedade que vivemos e suas questões políticas, através do diálogo com os participantes. Nesse sentido, o debate sobre educação e democracia, foi inerente ao processo de reflexão sobre as transformações que vivemos em nossa sociedade e, esteve presente em todas as etapas desse trabalho.

Primeiramente, esse trabalho surge de uma crítica ao ambiente acadêmico, enquanto um espaço restrito de diálogo e por esse mesmo motivo voltamos à universidade, com o ciclo de histórias. Buscávamos fortalecer a Universidade ampliando seu diálogo com outras experiências, que estavam para além de seus muros e, falando de histórias de vida, procurávamos humanizar os debates teóricos e aproximar às pessoas de maneira sensível a realidade política.

Em segundo lugar, em relação à democracia, buscávamos respostas para os problemas do nosso sistema político, e ao mesmo tempo, descobríamos, em cada passo da viagem, novas formas de fazer política. Obviamente fomos confrontadas com um ator social fundamental dessa construção, o Estado, que no contexto latino americano carregava e carrega um projeto de desenvolvimento que cria conflitos com seus cidadãos e que revela assim a disputa existente sobre os modelos de democracia. Enfim, a realidade é mais ampla que o conceito. Como diz O’Donnell (2000 *apud* Addor, 2012, pp.91), devemos nos lembrar que esse

conceito é uma metonímia, uma vez que o termo significa muito mais do que a simples existência de um regime democrático.

Portanto, ao mesmo tempo em que questionávamos a educação formal, também construíamos uma nova prática educativa, a medida que apresentávamos os debates sobre a democracia, também propúnhamos uma reflexão sobre que democracia queremos.

Uma democracia construída e vivida pelas pessoas, onde estas possam ser além de eleitores, atores sociais ativos nas decisões de seu território e de sua comunidade. O que poderíamos chamar de uma *democracia participativa, democracia real, democracia ativa*, a nomenclatura talvez seja o menos importante. Para que os indivíduos sejam escritores de sua história precisamos de uma educação que prepare para isso, que seja um espaço de construção da autonomia, da liberdade, da ação e da reflexão, e não, um espaço de pura repetição, de depósito e transferências, seguindo o que seria uma educação bancária (Freire, 1997). Percebemos através da viagem e das trocas geradas por ela, que uma educação que mova as pessoas necessita ser composta de muita vida, histórias, elementos que sensibilizem, ou seja, que consiga atingir a razão, a capacidade de pensar e organizar uma ideia, mas também o nível da emoção e da relação com o outro.

Referências bibliográficas

Addor, F(2012). *Teoria Democrática e poder popular na América Latina: contribuições a partir das experiências de Cotacachi/ Equador e Torres/Venezuela*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional.

Delgado, L.A.N (2003). História oral e narrativa: tempo, memória e identidade. In: *História Oral*. vol. 6. Revista da Associação da História Oral.jan/jun, pp.9-25.

FREIRE, P (1967). *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

_____ (1987). *Pedagogia do Oprimido*. 17ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

_____ (1997). *Pedagogia da Autonomia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Gohn, M.G (2006). Educação não formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. In: *Ensaio: aval. pol. públ. Educ*, Rio de Janeiro, v.14, n.50, pp. 27-38, jan./mar.

Jinkings, I (2006). *Enciclopédia Contemporânea da América Latina e do Caribe (Introdução)*. São Paulo: Editora Boitempo.

Lechner, E.(org.) (2009). *Histórias de vida: Olhares Interdisciplinares*. Porto: Editora Afrontamento.

Linhares, C; Heckert. A.L (2009). *Movimentos instituintes na escola: afirmando a potencia dos espaços públicos de educação*. Revista Aleph, Ano IV, nº 12, junho. Recuperado em 05 de março, 2014, de <http://www.uff.br/revistaleph/pdf/revista12.pdf>

Porto-Gonçalves, C.W; Quental, P. A (2012). *Colonialidade do poder e os desafios da integração regional na América Latina*. Polis 31. Recuperado em 05 de março, 2014, de <http://polis.revues.org/3749>

Touraine, A (1989). *Palavra e Sangue: política e sociedade na América Latina*. Campinas: Editora UNICAMP.

Anexo I

Avaliação da Atividade

Uma viagem pela América Latina: compartilhando histórias e olhares – um roteiro guiado por organizações e movimentos sociais

1 - Dentro da atividade o que mais te interessou?

- Histórias das viajantes
- Questões sócio-políticas da América Latina
- Movimentos e organizações sociais
- Locais e Paisagens
- Outros

2 - O que você adicionaria nas apresentações?

- Fotos
- Vídeos
- Mais históricas/ acontecimentos da viagem
- Constituição histórica dos país
- Outros

3 - O que você mudaria nas apresentações?

4 - O que você achou da apresentação?

5 - O que te faria sair para uma busca dessas? Por onde seria?